

O Sermão da Igreja – Mt 18

O maior e o menor no Reino do Céu

O quarto sermão do Mestre começa com um momento de intimidade do Senhor com os discípulos. Por diferentes momentos nos Evangelhos é possível ver o ministério de Jesus direcionado ao povo e em separado aos discípulos. Por três anos o Filho de Deus formou simultaneamente as bases de sua Igreja e seu próprio corpo, erguendo o altar e enchendo os bancos de Sua congregação.

A pergunta que dá ensejo ao sermão do mestre em Mateus 18 é mista em inocência e presunção. A inocência de uma criança, que ao ver o pai colocar os irmãos no colo, quase que instantaneamente é compelido a perguntar “qual de nós você ama mais, papai?”; presunçosa por querer, ainda nesse tabernáculo terrestre, saber quem no Reino do Céu¹ é o maior. Paciente com seus alunos (o que não aconteceu em Mt 17:17), o Mestre chama uma criancinha e a torna lousa humilde e limpa em seu colo, para receber os escritos da boca de seu Irmão (Mt 12:49) e se tornar molde para toda a Igreja.

“[...]e disse: Na verdade eu vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como criancinhas, de modo algum entrareis no reino do céu. Portanto, todo aquele que se humilhar como esta criancinha, esse é o maior no reino do céu.” – Mt 18:3, 4

O Reino do Céu só pode ser adentrado por *tornados como criancinhas*, e apenas após entrarem se pode falar em maior ou menor. Entrando, porém, como criancinhas não mais se tem maior ou menor, antes brincam todos juntos como as crianças que não fazem distinção entre sexo, cor ou raça... antes se vêm iguais.

Do Funcionamento do Corpo

Tendo entrado no Reino do Céu, o Mestre passa a falar sobre a comunhão e excomunhão dentro da Igreja. Vê-se claramente um subir de nível na discussão onde Cristo primeiramente traz os discípulos à realidade – importa primeiro entrar no Reino do Céu para depois passarmos à próxima discussão – e, só depois, passa a falar sobre hierarquia e disciplina em Seu corpo. Temos então parte importantíssima, um verdadeiro tratado “Do funcionamento do Corpo”.

Cristo (“a cabeça do corpo, da igreja”, cf. Cl 1:18) passa a organizar seu corpo e ensinar os membros a como se portar e manter a saúde do organismo.

“Portanto, se a tua mão ou o teu pé te ofender, corta-o, e lança-o para longe de ti; é melhor para ti entrar na vida coxo ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno. E, se o teu olho te ofender,

¹ A expressão “Reino do Céu” e “Reino de Deus” é tratada entre os teólogos com duas abordagens distintas. Alguns estudiosos diferenciam as duas expressões afirmando se tratarem de dois reinos ou momentos diferentes, o Reino do Céu se referindo ao reino futuro, quando do retorno do Messias à Terra (Zc 14:7ss) e o Reino de Deus se referindo ao reino presente, imaterial, aquele no qual todos os filhos de Deus já vivem (I Co 4:20). Ver *Dicionário Bíblico Wycliff*, p. 1660.

arranca-o, e lança-o para longe de ti; é melhor para ti entrar na vida com um olho só, do que, tendo dois olhos, seres lançado no fogo do inferno.”

Cada cristão é um templo e um corpo; todos os cristãos são a noiva, a comunidade dos crentes é o corpo de Cristo. Assim, para manter a saúde é preciso cuidar, às vezes podar como se faz com as árvores arrancando um galho morto ou que cresceu deformado. O que importa, e esse é o ensinamento do Mestre nos versículos aqui ressaltados, é a salvação do organismo como um todo.

A individualidade no rebanho

“Jesus não deseja que Sua Igreja empregue todo o seu cuidado ao rebanho que Ele já conduziu para dentro dos pastos verdejantes da Igreja, mas deseja que ela vá em busca daqueles que ainda não estão em sua abençoada sociedade.”²

O Mestre escreveu naquele dia mais uma lição em sua pequenina lousa, agora não mais um esclarecimento mas uma advertência: *não desprezeis a nenhum destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos no céu sempre veem a face de meu Pai que está no céu.* (v. 10). Temos aqui uma advertência do tipo “para o seu próprio bem”, Jesus está alertando que as criancinhas que creem nEle tem anjos da guarda com audiência diferenciada diante de Deus, tais anjos despacham face a face com YHWH. Quem em sã consciência ousaria fazer mal a alguém cujo protetor tem acesso direto ao Todo Poderoso?

A individualidade no rebanho de Cristo é sempre ressaltada nos Evangelhos, e a parábola da ovelha perdida é o exemplo mais didático que podemos ter. O ensinamento do Pregador começa no campo da lógica e da observação. Jesus denota que, qualquer pastor responsável ao cuidar de um rebanho e dar falta de uma ovelha, deixa todo o rebanho e parte em busca da que se perdeu. Essa decisão não é tomada por desamor para com o rebanho mas por amor à desgarrada, afinal o rebanho se encontra em segurança no aprisco, enquanto a desgarrada está perdida. Interessante notar como se dá o texto original, quando a ovelha na língua latina é “desgarrada” enquanto no grego o termo usado é *πλανωμένον* (*Planomenon*): cometer erro. A ovelha que errou, *cometeu o erro*, não se tornou separada do rebanho por acidente mas por ações próprias. E o Senhor deixou todas as fiéis ovelhas no aprisco para tentar o resgate da desobediente (temos em outra ocasião um ensinamento semelhante, a parábola do Filho Pródigo em Lc 15).

Da parábola da ovelha perdida, podemos tirar ensinamentos diferentes desde que tomamos diferentes perspectivas:

- a) da perspectiva de nos colocarmos como o **pastor**, aprendemos sobre misericórdia e disposição. Deveremos nos preocupar com todos os que estão sob nossos cuidados, e a responsabilidade não cessa com o cessar da obediência dos que estão sob nossa tutela, o amor deve falar mais alto e jamais devemos desistir dos nossos;
- b) vendo-nos como a **ovelha desobediente e perdida**, sabemos que a voz que se ouve ao longe é a voz de um que ama, que não desiste de nós e não nos desconhece por termos nos ausentado de sua presença. A voz ao longe é sim aquela mesma voz que

² Trecho do Sermão “A ovelha perdida”, pregado por Charles Spurgeon na manhã do dia 28 de abril de 1889, em Newington, Londres.

me chamava pelo nome no passado; e ele ainda sabe meu nome e me quer junto de si;
e

- c) sob a perspectiva de que somos **parte do rebanho no aprisco**, somos chamado a considerar nosso comportamento nos momentos em que o Pastor não se faz presente. Pergunte-se: quando estou com a Igreja, obedecendo as ordens do Mestre e mesmo assim Ele não se faz presente... não me chama pelo nome... não me ouve balir... Ele me abandonou ou me deixou momentaneamente em lugar seguro até sua volta?

Tantas lições tiradas de uma parábola, exercício não da capacidade mental do que lê mas dO que fala, a parábola da ovelha perdida ensina ainda, como trata da Igreja, o corpo de Cristo, sobre individualidade e coletividade. As soluções para o corpo jamais são coletivas, são todas individuais. Assim o é o próprio cristianismo, o relacionamento entre indivíduos, criaturas e Criador. Jesus não se relaciona com o rebanho mas com as ovelhas; a Cabeça não fala ao corpo mas aos membros, tanto para capacitá-los como para lança-los fora se preciso for. Disse o pregador batista *"ouso afirmar que, se alguma vez desprezarmos o método da conversão individual, entraremos na falaciosa ordem dos empreendimentos por atacado e nos encontraremos naufragados nos rochedos da hipocrisia"*. Não há cristianismo de massa, o Evangelho é individual, a conversão é individual e assim o é o batismo.

A autoridade dada à Igreja

Nos versículos 15-20, Jesus ensina os apóstolos da Igreja sobre a manutenção do corpo quanto a problemas pessoais dos membros (15-17), excomunhões (18,19) e o necessário para sua presença (20).

O perdão é sempre a primeira opção na vida cristã, *se teu irmão pecar contra ti*, busque a solução do problema e a reconciliação. A excomunhão de um membro não pode ser feita por outro membro, mas apenas pela igreja: *dize-o à igreja*. E quando não mais se faz a individualidade e sim a coletividade, ou seja, não um membro para com o Cabeça mas sim o organismo para com o Cabeça, a Segunda Pessoa da Trindade se faz presente como o Bom Pastor que não abandona suas ovelhas, antes vela por ser o Mestre eterno de sua santa família. Por fim, o Rabi não ensina mas **concede** aos apóstolos poder para administrar a Igreja, ou como dirá João em Patmos, *para ataviar a noiva* (Ap 21:2). A eles é dado poder para ligar (do hebraico *asur*, ou proibir) e desligar (do hebraico *mutar*, ou permitir) dentro da Igreja, devendo assim manter a ordem com autoridade. A Igreja Primitiva não se furtou de utilizar o poder dado por Cristo, desligou membros (entregando alguns a Satanás, I Co 5:5 e à morte outros, At 5), da mesma forma a Igreja se reuniu no Conselho de Jerusalém para decidir o que proibir (*asur*) e o que permitir (*mutar*) na Igreja dos Gentios, ao término foi *asur* "a contaminação dos ídolos, e da fornicação, e das coisas estranguladas e do sangue" e *mutar* "a não-circuncisão e a guarda da Lei de Moisés". Assim, os apóstolos de posse da chave do Reino do Céu organizaram a igreja dos não-judeus não pesando sobre eles o estilo de vida judaico, antes permitindo que continuassem vivendo com o estilo de vida que viviam excetuando-se as práticas pecaminosas³.

³ O episódio está relatado em detalhes no livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 15.

O perdão

O Sermão da Igreja termina com o ensinamento sobre o perdão. Impossível não lembrarmos da oração do Pai Nosso “perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. O que é ressaltado em Mt 18 é que o não perdão de irmão para com irmão é um ato

injusto (*não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu servo, como eu também tive misericórdia de ti? – v. 33*) e acarreta no [também] não perdão do Senhor para com o servo. Assim, devemos todos perdoar-nos uns aos outros, infinitamente, assim como o Senhor a nós perdoa indefinidamente.

Fernando Melo Aula ministrada na Escola de Conservadorismo no dia 3 de março de 2021.
